

Mais de 2.800 pais pediram ajuda por violência dos filhos nos últimos três anos

written by Maria Paulo | 20 de Outubro, 2025



O número de progenitores agredidos pelos filhos que pediram ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) aumentou mais de 27% nos últimos três anos, ultrapassando as 2.800 pessoas, uma **média de 2,6 casos por dia**.

Segundo as estatísticas da APAV sobre **“Filhos/as que agridem Os Pais/As Mães”**, a que a Lusa teve acesso, entre 2022 e 2024, o número de vítimas aumentou de ano para ano, registando-se **815 casos no primeiro ano, 962 no ano seguinte e 1.036 em 2024**.

Significa que, no global, há um **aumento de 27,1%** e que, em média, a APAV ajudou cerca de **78 pessoas por mês, 18 por**

semana e 2,6 por dia.

Em declarações à Lusa, Cynthia Silva, criminóloga na APAV, apontou que este aumento **“pode significar que há mais vítimas a procurarem o apoio da APAV”**, o que é um **“aspeto positivo”**, mas chamou a atenção para outra percentagem, a das pessoas que ficam em silêncio.

“Percebemos que, por exemplo, em 48% das situações não há apresentação de queixa, o que significa que, apesar de poder haver maior procura de apoio, ainda há muitas situações que se mantêm silenciadas no que toca à apresentação de queixa junto às autoridades”, apontou.

Na opinião da responsável, esse silêncio e recusa das vítimas em apresentar queixa junto das autoridades competentes poderá ser explicado pelo facto de os crimes ocorrerem sobretudo em contexto de **violência doméstica, em que agressor e vítima partilham habitação.**

“Os motivos mais comuns para a não procura de apoio ou mesmo para a falta de queixa têm muito a ver com estas questões da vergonha, da culpa, a vergonha de dizer que estão a ser vitimadas ou vitimados pelos próprios filhos ou filhas”, apontou.

Explicou, por outro lado, que também pode haver medo de retaliações ou mesmo das consequências legais que o pedido de ajuda ou a apresentação da queixa possam ter para o filho ou filha.

Segundo Cynthia Silva, apesar da violência de que são vítimas, os progenitores continuam a querer **“proteger as próprias pessoas infratoras”** porque se trata do filho ou da filha.

“Depois há outros motivos, nomeadamente o querer ainda manter a imagem de que existe harmonia familiar e de que tudo corre bem dentro daquele seio familiar ou situações de dependência”, adiantou.

A responsável adiantou que como a maior parte destes crimes acontecem em contexto de violência doméstica, a APAV também pode apresentar queixa, uma vez que se trata de um crime público, mas referiu que tentam sempre que seja a vítima a fazê-lo com o apoio da APAV.

A criminóloga alertou, por outro lado, para a **“questão da vitimação continuada”**, apontando que **“uma grande parte”** das pessoas que procuram a ajuda da APAV pela primeira vez, são vítimas há dois ou três anos, o que **“significa que, às vezes, as vítimas demoram algum tempo até conseguir procurar algum tipo de ajuda mais profissional”**.

Os dados da APAV mostram que **dos 2.813 progenitores ajudados pela associação, 96,8% foram agredidos por um filho**, enquanto 3,2% foram vítimas de mais do que um filho ou filha.

A caracterização da vítima mostra que na maior parte dos casos (79,7%) são mulheres, com 65 anos ou mais (58,3%), enquanto os homens estão em maioria (69%) no caso dos agressores, com idade entre os 18 e os 64 anos (62,8%).

Entre os 5.654 crimes ou formas de violência registadas para estas 2.813 vítimas, a violência doméstica sobrepõem-se, representando 82,3% do total.

Cynthia Silva defendeu que deveriam existir mais estruturas de acolhimento para as vítimas, mas apontou que **“às vezes também existe a dificuldade de conseguir que as vítimas queiram sair das suas residências”**.

T